

# PRÓLOGO

## Terça-feira, de manhã

– Deus, proteja a vida do Marcos. Seja lá o que tenha acontecido a ele peço que tua mão protetora esteja estendida, guardando-o de todo o mal!

A oração de Daniel vinha carregada de aflição e angústia. Sentado sozinho no gabinete do pastor Wilson, apertava com força os olhos e as mãos enquanto, de cabeça baixa, intercedia pela vida de seu amigo. A falta de notícias era preocupante. Desde que se despediu dele na véspera, não tinha recebido mais notícias. Ninguém tinha. Seu Eduardo, pai de Marcos, ligou agoniado para a igreja, querendo descobrir se alguém sabia algo sobre onde estaria seu filho, que, para piorar, não estava atendendo o celular. Não era só a violência da cidade que preocupava: Marcos era diabético. Ele precisava tomar injeções diárias de insulina. Se ficasse muito tempo sem sua dose do hormônio, as consequências poderiam ser fatais. E ele já estava há um dia e meio sem receber o medicamento.

– Senhor, protege o meu amigo. Que tenhamos notícias logo...

Marcos tinha saído da igreja na véspera para espalhar pela cidade as pistas da gincana bíblica da juventude. Ele adorava fazer aquilo. A gincana era uma tradição anual da igreja. Consistia em esconder em sete lugares diferentes da cidade bilhetes com charadas que só poderiam ser esclarecidas mediante conhecimentos bíblicos e um raciocínio sagaz. A primeira pista indicava o lugar onde estava a segunda, que levava à terceira e, assim por diante, até a sétima, que apontava por fim onde estava escondido o grande prêmio, conhecido como “o tesouro”. Era uma forma divertida, animada e inteligente de envolver a mocidade numa autêntica caça ao tesouro – que, naquele ano, seria uma

surpresa oferecida pelo pastor Wilson. Ele, e ninguém além dele, sabia do que se tratava. Havia uma enorme curiosidade da parte de toda a mocidade para descobrir o que o vencedor ganharia. Era um segredo que o líder da igreja guardava debaixo de sete chaves.

Marcos era o responsável por organizar tudo: bolar as charadas e esconder as pistas pela cidade. Tinha sido assim nos últimos cinco anos. Os jovens da igreja formavam grupos e partiam pelas ruas em busca das soluções para os sete enigmas. Às vezes eles eram tão difíceis de decifrar que eram precisos dois ou três dias para o grupo vencedor encontrar o prêmio. No ano anterior, aliás, Marcos tinha pegado tão pesado na charadas que ninguém conseguiu chegar ao final. Uns ficaram pela terceira, outros pela quarta, no máximo na quinta.

– Pai amado, nosso coração está angustiado pelo nosso irmão, esteja com ele nesta hora...

E agora essa. Como fazia todos os anos, Marcos tinha saído cedo para espalhar as pistas pela cidade... e sumido. Não voltou para casa. Não telefonou. Não deu notícias. Estavam todos preocupados. A noite passou e ele, que era sempre responsável, não deu as caras. Simplesmente... desapareceu. Se ele fosse um desses jovens irresponsáveis que saem de casa e não dão satisfação, dormem fora, chegam de madrugada e ninguém sabe deles... mas não era o caso... Marcos era um bom filho. Sempre avisava os pais sobre suas saídas. Sua família, agora, tentava de todas as formas descobrir seu paradeiro. Já tinham ligado para os amigos, a igreja... e nada.

– Deus Altíssimo, acalma o nosso coração, faz com que tenhamos notícias do Marcos, que...

De repente, o telefone do gabinete tocou:

*TRIIIM!!!*

Daniel abriu um olho. Olhou em volta, para ver se havia alguém que pudesse atender sem interromper sua oração. Mas não havia.

*TRIIIM!!!*

Contrariado, esticou a mão e atendeu.

– Gabinete do pastor Wilson, a paz do Senhor.

O que ouviu do outro lado fez seu coração disparar e o sangue gelar. A ligação estava péssima. Mas, em meio a ruídos e chiados, conseguiu ouvir ao longe:

– Crânio...

Era a voz de Marcos.

Uma voz fraca, lenta e baixa. Mas, definitivamente, a voz de Marcos. Além disso, não era muita gente que chamava Daniel por aquele apelido.

– Marcos! Marcos! Sou eu! Marcos! Alô!

Silêncio. Chiados. Barulho. Estática. E, então, novamente, Daniel ouviu a voz de seu amigo, picotada e distante:

– Socorro... estou... eu... ajuda...

Daniel pôs-se de pé, a impotência e a angústia apertando seu peito.

– Marcos! Marcos! Onde você está?! Onde você está?!

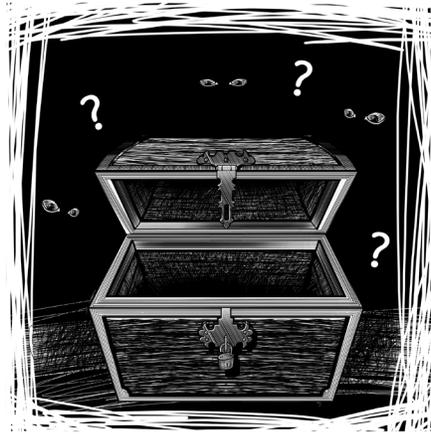
Silêncio.

– Marcos!

Foi então que ouviu com toda nitidez algo que o deixou apavorado.

– Crânio... estou morrendo... socorro...

E a ligação caiu. †



# 1. segunda-feira anterior, à manhã

*"Meu filho, se você aceitar as minhas palavras e guardar no coração os meus mandamentos; se der ouvidos à sabedoria e inclinar o coração para o discernimento; se clamar por entendimento e por discernimento gritar bem alto; se procurar a sabedoria como se procura a prata e buscá-la como quem busca um tesouro escondido, então você entenderá o que é temer o Senhor e achará o conhecimento de Deus."*

(Provérbios 2.1-4)

Daniel estava exultante. Enquanto caminhava em direção à igreja, pensava no telefonema que tinha acabado de receber da universidade onde em algumas semanas começaria a estudar: eles tinham pré-aprovado o seu pedido de bolsa de estudos. Com o dinheiro que sua mãe recebia todo mês ficava inviável pagar a mensalidade e a bolsa era sua grande chance. A secretária do Departamento de Jornalismo tinha agendado para dali a dois dias sua entrevista, "inadiável", frisou ela.

## 7 ENIGMAS UM TESOURO

Daniel disputava com outros vinte candidatos a bolsa e, se fosse bem na conversa, teria cem por cento de isenção no pagamento.

– Deus é demais mesmo – pensou em voz alta, empolgado.

Dobrou à direita, na Avenida Principal, e tomou um atalho, atravessando o enorme parque municipal que os irmãos da igreja tinham apelidado de Jardim das Oliveiras. Seguiu pela trilha que atravessava o bosque e, depois de dez minutos andando, saiu do outro lado. Pegou a Rua das Acácias, entrou pela Rua Dom Pedro I e logo estava na esquina da igreja. Daniel seguia apressado. Afinal, tinha combinado de se encontrar com Marcos para conversar sobre a gincana bíblica de caça ao tesouro, uma das atividades mais aguardadas todos os anos pela juventude. Normalmente, ela só aconteceria dois meses depois, mas o pastor Wilson resolveu antecipar para ajudar os membros a esfriar a cabeça após o estresse que a igreja enfrentara duas semanas antes com toda aquela história do desaparecimento da Bíblia de Gutenberg.<sup>1</sup>

Chegou à porta do santuário e encontrou logo o diácono Sérgio, que lia o jornal com a cabeça enfiada entre as páginas.

– A paz de Cristo, irmão Sérgio.

O obreiro ergueu os olhos e abriu um largo sorriso ao ver Daniel.

– Paz do Senhor, varão! Tudo bom? Como vai nosso herói?

– O herói fica por sua conta, mas eu estou bem, graças a Deus. Alguma notícia boa aí? – apontou com a cabeça para o jornal.

– Nada, a mesma coisa de sempre. Violência, violência e violência... uma tristeza – falou, com um entortar de boca – Mas o Mengão ganhou do Corinthians!

.....

1. Veja em *O Enigma da Bíblia de Gutenberg*.

Segunda-feira anterior, de manhã

– Ê, Sérgio, sempre flamenguista roxo, hein? – riu.

– Roxo não, vermelho e preto! – divertiu-se o diácono.

– O que diz a meteorologia? Vamos ter sol para a caça ao tesouro?

– Deixa eu ver... ih, rapaz, está ameaçando tempo ruim. Acho bom vocês levarem guarda-chuva.

– Você sabe se o Marcos já chegou? – mudou de assunto.

– Chegou sim, está lá no gabinete, com o pastor Wilson.

Daniel agradeceu com um aceno e já seguia para a pequena sala onde o pastor atendia quando Sérgio acrescentou:

– Ah, já ia esquecendo. Há uma meia hora passou por aqui uma jovem atrás de você. Eu disse que você não estava e ela falou que voltava amanhã.

– Uma jovem? – franziu a testa.

– É, ruiva, com os cabelos longos até a cintura, olhos verdes... – deu uma piscadela marota – ... uma gracinha, hein?!

Daniel soltou um "hmmm", agradeceu com a cabeça e continuou rumo ao gabinete. Ele sabia exatamente de quem se tratava. Era Valéria, uma colega de escola que tinha cursado o último ano em sua sala. Ela não fazia muita questão de esconder que estava a fim dele. Todos os garotos eram caídos por ela e não era por menos: a menina era linda. Tinha uns lábios carnudos e rosados, um sorriso matador, um corpo escultural e uma voz grave e rouca. Mas havia um grande problema: não era cristã.

Daniel sabia a dor de cabeça que era namorar alguém que não era da sua religião. Era jugo desigual. E ele não queria confusão. Se nem as meninas da igreja tinham tido sucesso em conquistar seu coração

– e olha que não foram poucas as que tentaram –, não seria alguém de fora que... bem, falar é fácil. Quando Valéria chegava perto, ele ficava todo bobo. O perfume dela era a coisa mais cheirosa do mundo. Na verdade, é um perfume até bem comum, mas nela... ah, nela ficava diferente.

Só que era jugo desigual!

E Daniel sabia bem os problemas que surgiam quando se namorava uma pessoa não cristã – o pastor Wilson sempre foi bem aberto em suas conversas e nunca teve papas na língua ao tratar desse assunto:

– No começo tudo é ótimo. Mas aí a coisa vai esquentando, não há a busca pela santidade, os valores são diferentes... o pecado é uma questão de tempo. E como será o futuro de uma relação como essa? Vão casar? E os filhos, serão educados na fé? E quando vierem os problemas, ela vai orar? Vai buscar a solução na Bíblia? Vai se aconselhar com um pastor ou com uma cartomante? E aí, como é que fica?

Daniel levava isso muito a sério. Não pensava em namorar por namorar e vinha levando bem a situação com as meninas da igreja. Mas quando conheceu Valéria, seu coração passou a acelerar toda vez que a via. Racionalmente, tentou ficar longe. Mas quando ela chegava perto com aquele sorriso brilhante e ajeitando aqueles cabelos perfumados para cá e para lá... quem conseguia pensar com a razão?

Ele bem que tentou lhe falar de Cristo. Valéria achou graça quando ele a convidou para sair. Ir a um culto! Para ela, que vivia entre shows, barzinhos e boates, regados a chope e muita fumaça de cigarro, era um programa bem diferente. Topou. E foi uma vez à igreja. Mas não passou disso. “É... interessante...”, comentou. Quando viu que não havia um comprometimento da menina com o Evangelho, Daniel decidiu cortar a coisa pela raiz. Logo depois veio o vestibular e cada um foi para o seu lado.

Segunda-feira anterior, de manhã

Até agora.

Quando soube que a ruivinha tinha ido atrás dele, uma pontinha de vaidade brotou em seu coração e pensamentos fantasiosos invadiram sua mente. Então Daniel sacudiu a cabeça, como que para espantar uma mosca incômoda, e procurou pensar em algo diferente.

– Fala, Crânio! – Marcos saudou o amigo assim que ele entrou no gabinete. Logo, Daniel já não pensava mais em Valéria.

– A paz do Senhor para você também – brincou, implicando.

Reverendo Wilson estava sentado a sua mesa, lendo um livro. Marcos, debruçado sobre o computador, escrevia. O pastor sorriu ao vê-lo.

– Meu querido, tudo bem? Paz do Senhor. Firme mesmo? Quais as novidades?

Essa era a deixa que Daniel estava esperando. Abriu o verbo e começou a contar sobre o telefonema e a entrevista que teria em dois dias na faculdade para conseguir a bolsa de estudos.

– Que legal, Daniel, tenho certeza de que você vai conseguir. Vou estar orando por isso – disse o pastor Wilson.

– Aê, Crânio – mudou de assunto Marcos. – Já bolei todas as pistas da caça ao tesouro. Vai ser muito legal, cara.

Daniel ficou meio chateado pelo fato de o amigo não ter feito nenhum comentário sobre sua entrevista na faculdade, mas, como gostava muito da gincana e também de Marcos, deixou para lá.

– Ah, é? E quando é que você vai sair para esconder as pistas?

## 7 ENIGMAS UM TESOURO

– Daqui a pouco. Vou só dar uma passada lá em casa para aplicar minha insulina e depois já saio por aí. Mas não adianta nem pedir dicas não, hein?! – piscou o olho.

Aquela coisa de aplicar insulina o incomodava. Não pela insulina em si, mas pela agulha da seringa. Ele tinha pavor de agulhas. Há quem deteste baratas, ou quem desmaie ao ver sangue. Mas, no caso de Daniel, a sua grande fraqueza eram aquelas coisinhas pequenininhas, fininhas e apavorantes! Toda vez que tinha de tomar injeção era um parto, suava frio, as pernas tremiam e dava uma vontade incontável de correr. Só de imaginar que o amigo precisava aplicar injeções em si mesmo todos os dias deixava o Crânio arrepiado. Como Marcos conseguia ele não sabia.

– Me diga pelo menos como a gente vai poder identificar o ponto exato onde vai estar cada pista quando chegarmos ao lugar certo. Lembra do que aconteceu ano passado?

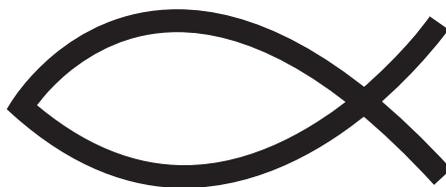
Marcos deu uma risada, encabulado. Claro que lembrava. Muitos grupos até conseguiram solucionar algumas charadas e foram aos lugares certos, indicados pelas pistas, mas ao chegar lá... quem é que encontrava o bilhete com o enigma seguinte? De tão bem escondido, muitos rodaram, rodaram, procuraram, procuraram e não viram nada. O sistema todo ano era o mesmo: o papel era deixado dentro de um envelope. O grupo que o encontrasse lia a charada e devolvia o papel ao mesmo lugar, para que o grupo seguinte a encontrasse. Mas para este ano ele bolou algo a mais:

– Farei o seguinte: vou deixar as pistas sempre perto deste desenho – ergueu um papel e mostrou uma forma bem conhecida do Crânio. Era o ICHTUS.

O ICHTUS era um dos mais antigos símbolos do cristianismo: apenas um peixe, que servia para os cristãos da Igreja primitiva se identificarem como irmãos na fé. Antes mesmo de a cruz ser usada como representação

Segunda-feira anterior, de manhã

da religião cristã, o peixinho era pintado e entalhado nas antigas catacumbas. ICHTUS na verdade é um acróstico: *Iesus Christos Theou Uios Soter*, que quer dizer “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. E agora ia servir para identificar o local onde estariam as pistas da gincana, como o “X” indicava onde estava enterrado o tesouro dos piratas.



– Bacana, Marcos. Boa sorte, que Deus te abençoe.

Marcos se levantou, pegou sua mochila e virou para o pastor Wilson, que lia seu livro, alheio à conversa. Ele pigarreou.

– Hm-hum...

O pastor Wilson ergueu os olhos, meio sem entender.

– Que foi, Marcos?

– O senhor não se esqueceu de nada?

Fez-se um silêncio curto. Diante da cara de “do que você está falando?” do pastor, Marcos completou:

– Estou saindo para esconder as pistas da caça ao tesouro. O senhor não vai me entregar nada?

– Tipo...?

## 7 ENIGMAS E UM TESOURO

– Tipo o tesouro, pastor! – riu Marcos.

– Ah, claro! – devolveu o riso o pastor Wilson, que se levantou, foi até o armário e voltou com um pacote muito bem embrulhado, no formato de um tijolo. Não havia nada escrito que desse alguma informação sobre seu conteúdo. Era um segredo que só seria revelado quando o vencedor chegasse até ele. – Está aqui, cuida bem dele, hein?!

– Pode deixar – virou-se para Daniel. – Tchau, Crânio, fica com Deus, viu?! Amanhã cedo estou aqui para a gente dar início à brincadeira. Tchau, pastorzão!

Marcos virou as costas e já ia saindo, quando um pigarro do sacerdote o fez se voltar.

– Hm-hum...

– Que foi, pastor?

– O senhor não se esqueceu de nada? – fez um olhar sapeca.

Fez-se outro silêncio curto. Diante da cara de “do que você está falando?” de Marcos, o reverendo completou:

– Esqueceu que sou eu que distribuo a primeira pista para os grupos participantes? – sorriu.

Marcos deu um tapa na testa.

– É verdade, pastorzão. Tá aqui.

Abriu a mochila e lhe entregou um envelope fechado.

– Cuida bem dela, hein?! – implicou Marcos, rindo e saindo aos pulos.

Segunda-feira anterior, de manhã

Depois que se apagou o riso, o pastor e Daniel ficaram um tempo jogando conversa fora, falando amenidades e desfrutando da companhia um do outro. Coisa boa era ter alguém com quem conversar. E, no caso deles dois, o papo inevitavelmente acabava sendo conduzido para as coisas de Deus. Era sempre assim, começavam falando sobre Internet, futebol ou as notícias da semana e acabavam discutindo sobre Bíblia, santidade, História da Igreja. Eram conversas superenriquecedoras e Daniel, principalmente, aprendia muito. Até que olhou para o relógio.

– Xi, pastor, o papo está tão bom que eu perdi a hora! Minha mãe e meu irmão estão me esperando para o almoço!

– Então corre, amado, senão a comida esfria – sorriu.

Os dois se abraçaram e o jovem disparou porta afora.

♦ ♦ ♦

Já era tarde da noite e Daniel ganhava feio de seu irmão caçula no jogo de palavras cruzadas. O tabuleiro estava cheio de peças do irmão mais velho. Já Bruno, com seus 12 anos, só tinha formado “casa” e “cão”. Dona Alzira, a mãe dos dois, cochilava sentada no sofá, com os óculos no rosto, um livro esquecido no colo e a cabeça tombada para o lado. Nem os gritos dos irmãos a tiravam do mais profundo sono. Até que um barulho fez dona Alzira se levantar de um pulo.

*TRIIIM!!!*

Telefone àquela hora? Ela se recompôs do susto e atendeu.

– Alô?

Do outro lado, alguém começou a falar e, quanto mais falava, mais ela franzia a testa. Daniel fez silêncio e, percebendo que havia algo de errado, levou o dedo aos lábios.

## 7 ENIGMAS UM TESOURO

– Shhhh, peraí, Bruno.

Depois de alguns instantes e umas palavras balbuciadas, dona Alzira olhou para Daniel e lhe estendeu o fone.

– Filho, é o seu Eduardo, pai do Marcos. Ele quer falar com você.

Daniel olhou para o relógio: meia-noite e meia. Estranho seu Eduardo estar ligando naquele horário.

– Boa noite, tio Eduardo.

– Boa noite, Daniel – respondeu a voz ao telefone. – Desculpe ligar a essa hora, mas o Marquinhos não voltou para casa até agora e eu e a minha esposa estamos muito preocupados. Por acaso você sabe onde ele está?

Daniel conseguia sentir aflição na voz de seu Eduardo. E era compreensível, pois sumir daquele jeito não fazia o perfil do seu amigo. Ele também começou a se preocupar.

– Não, tio, não sei. Eu estive com ele de manhã, na igreja, mas de lá para cá não tive mais notícias. Ele saiu pela cidade para espalhar as pistas para uma caça ao tesouro que estamos organizando.

– Pois é, ele estava todo animado. Mas ficou de voltar no fim da tarde e até agora nada.

Desculpe, tio, não faço ideia de onde ele possa estar.

– Tá... tudo bem. Se por acaso ele der notícias você me liga?

– Claro. E, por favor, se ele aparecer por aí me avisa, pode ser?

– Sem problemas. Bom... – Daniel sentia a preocupação na voz de Eduardo – ... então tá. Boa noite, Daniel, fique com Deus.

— Boa noite, Deus te abençoe.

Pôs o fone no gancho. Bruno e dona Alzira olhavam para ele, na expectativa.

— Que foi, Dani? — o caçula quebrou o silêncio.

Daniel contou o que seu Eduardo lhe havia dito e os três se entreolharam, sem saber muito bem o que fazer ou dizer. Foi sua mãe quem propôs:

— Bem, quando não há nada que possamos fazer, devemos fazer a única coisa que podemos.

Os dois já sabiam do que ela estava falando. Puseram-se de pé, deram as mãos e começaram:

— Senhor, meu Deus e meu Pai... †